

AMBIENTES HÍBRIDOS DE APRENDIZAGEM: entre a educação presencial e a educação a distância

Armando Paulo da Silva - armando@utfpr.edu.br - UTFPR

Rosemeiry de Castro Prado - rose.prado@fatecourinhos.edu.br - Fatec Ourinhos

Elaine Pasqualini - elaine.pasqualini@fatecourinhos.edu.br - Fatec Ourinhos

RESUMO. *O intuito desta pesquisa é confrontar os resultados de uma pesquisa inédita sobre Ensino a Distância (EaD) realizada em 2012 e a situação atual desta modalidade. A metodologia utilizada nos dois momentos da pesquisa foi de natureza qualitativa e cunho interpretativo, tendo como instrumento de coleta de dado um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo utilizada a representação gráfica para facilitar as análises. No confronto dos dois momentos desta pesquisa encontra-se as preocupações, as dúvidas e a aceitação da modalidade de ensino que mistura o presencial e o virtual e ao ser confrontada com as tendências atuais, dá indícios de que existe um movimento que caminha ao encontro da superação de preconceitos e de desconhecimentos a respeito do ensino EaD e de suas vertentes. Contudo, trata-se de uma mudança de mentalidade a longo prazo, pois sua evolução atende as necessidades da sociedade.*

Palavras-chave: *Tecnologias. Educação. Modalidade. Ensino.*

BLENDED LEARNING ENVIRONMENTS: between classroom education and distance learning

ABSTRACT. *The purpose of this research is to confront the results of an unprecedented research on Distance Learning (DE) conducted in 2012 and the current situation of this modality. The methodology used in both moments of the research was of a qualitative nature and interpretative nature, having as a data collection instrument a questionnaire with open-ended and closed-ended questions, using the graphic representation to facilitate the analysis. In the confrontation of the two moments of this research we find the concerns, doubts and acceptance of the teaching modality that mixes the traditional (in-class) and the virtual and when confronted with current trends, gives evidence that there is a movement that goes towards the overcoming prejudices and unknowns about distance education and its aspects. However, it is a long-term change in mindset, as its Evolution meets the needs of society.*

Keywords: *Technologies. Education. Modality. Teaching.*

Submetido em 15 de junho de 2019.

Aceito para publicação em 23 agosto de 2019.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1 INTRODUÇÃO

As modalidades de ensino e de aprendizagem têm sido (re)pensadas e estudadas a fim de serem adequadas às tendências, expectativas, necessidades e anseios do mundo atual. Espera-se que as modalidades de ensino proporcionem a socialização do saber, a melhoria ao acesso das informações e que seja um meio de atender às exigências de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Dentre as modalidades, apontam-se o ensino a distância (EaD) e o ensino não presencial apoiado em Tecnologia de Informação e Comunicação (*E-learning*), métodos de ensino e de aprendizagem que têm o foco nos recursos tecnológicos. Despenda, também, um modelo presente em muitos ambientes de aprendizagem, o *Blended Learning* (Ambientes Híbridos de Aprendizagem).

Os Ambientes Híbridos de Aprendizagem têm o propósito de associar os ensinamentos presencial e a distância, valendo-se de Objetos de Aprendizagem como recursos digitais, entre outros a favor da educação.

Este trabalho tem por objetivo confrontar os resultados de uma pesquisa inédita sobre Ensino a Distância (EaD) realizada em 2012, envolvendo professores de uma Escola Técnica. Apresenta-se a situação atual desta modalidade, traçando-se um paralelo entre o que se pensava e o que se pensa a respeito do aprendizado e do ensino a distância.

2 O ENSINO A DISTÂNCIA: O SURGIMENTO DE UM PARADIGMA?

O avanço tecnológico em nossa sociedade atual, disponibilizou diversos recursos e, também, no âmbito educacional, com o intuito de tornar a educação mais próxima do mercado de trabalho que exige competências e habilidades voltadas para o uso da tecnologia. Essa era tecnológica começou a dar espaço às várias modalidades de ensino, visto que elas podem caminhar ao encontro de aspirações e possibilidades que ampliam o acesso às informações e à formação dos indivíduos. Dentre as diversas modalidades de ensino, encontra-se o Ensino a Distância (EaD): recurso de incalculável importância, pois gera mais uma possibilidade de socialização do saber.

Já destacava Oliveira (2003) que a modalidade EaD – dentre suas particularidades – assumia papel de recurso a favor do ensino do aluno, pois se tratava de um instrumento importante para atender a grandes contingências de alunos de forma mais efetiva quanto à flexibilização das mudanças exigidas pela sociedade. Porém, a EaD não se restringe apenas a um recurso; é uma prática educativa, visto que a educação constitui como um projeto e um processo diferente a cada realidade avaliada (SARAIVA, 2012).

O conceito de EaD assumiu uma ideia muito mais complexa daquela do momento do seu início, ganhando olhares e interesses de diversas áreas e campos de pesquisas. O apoio das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) e dos Objetos de Aprendizagem (OA) contribuíram para que se pudesse “avançar na direção de redes de distribuições de conhecimentos e de métodos de aprendizagem inovadores, (...) contribuindo para a criação dos sistemas educacionais do futuro” (SARAIVA, 2012, p. 27).

Assim, como em todo o mundo, a Educação a Distância brasileira teve seu início atrelado à disseminação de algumas NTICs, e seu marco ocorreu por volta de 1922, por meio da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o intuito de ampliar o acesso à educação (SARAIVA, 2012). Houve também a educação por correspondência por meio do Instituto Monitor (IM) e do Instituto Universal Brasileiro (IUB), iniciadas em 1939 e 1946 –respectivamente – com o objetivo de inserir seus discentes no mercado profissional, principalmente em áreas técnicas e supletivas (MARQUES, 2004).

Percebe-se que a EaD perpassa etapas que, segundo Oliveira (2003), aos poucos começa a ser propagada mediante o seu contexto histórico:

A EaD conheceu diferentes etapas evolutivas (...), desde o curso por correspondência, passando pela transmissão radiofônica e televisiva, pela utilização da informática e do telefone, até os atuais processos de utilização conjugada dos meios – a telemática e a multimídia – juntamente com materiais impressos. (OLIVEIRA, 2003, p. 35).

Contudo – no Brasil – a EaD teve realmente o seu auge nas décadas de 1960 e 1970, com a criação pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Programa Nacional de Teleducação (PRONTEL), substituído futuramente pela Secretaria de Aplicação Tecnológica (SEAT): órgãos estes voltados especialmente a apoiar a educação por meio da televisão (teleducação), uma nova tecnologia de informação e comunicação da época no país (SARAIVA, 2012). O crescimento de instituições e cursos com essa modalidade ocorreu a partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394 de dezembro de 1996, que determinou que o poder público deveria expandir a educação. Porém, a modalidade de ensino a distância ainda recebia um status de educação experimental e com um caráter primário, o que pode ter ocasionado descrédito e desconfiança dos envolvidos e interessados na EaD (GOMES, 2013).

Entretanto, o que se vem trazer aqui não é apenas uma narrativa da história e do desenvolvimento da EaD no Brasil, mas sim, um repensar sobre o surgimento de tendências que se enfrentam/enfrentaram e que passam/passaram pelo contexto histórico de um dado momento, num processo de transição de paradigmas que obedecem a propósitos e a sujeitos dessa história. Entende-se paradigma como um padrão que se cria, que orienta as ações e as percepções humanas (OLIVEIRA, 2003). Todavia, podemos afirmar que nenhum paradigma é sólido, visto que são criados por seres humanos que sofrem mudanças evolutivas constantes, o que os têm tornado seres com um grande potencial adaptativo a fim de garantir a sobrevivência da sua espécie (GONÇALVES, 2007). Com as constantes mudanças, uma nova tendência surge com a EaD; conseqüentemente, a evolução do sistema de ensino passa a contar com os ambientes híbridos de aprendizagem.

3 AMBIENTES HÍBRIDOS DE APRENDIZAGEM (BLENDED LEARNING)

Para que o docente e o discente se adequem a mudanças dos paradigmas educacionais, de acordo com Libâneo (2010), deve-se romper as resistências ao novo, ou seja, àquilo que desponta como uma nova modalidade de ensino.

A Educação a Distância tem conquistado seu espaço no cenário educacional, principalmente pela sua flexibilidade quanto aos ambientes em que ela pode ocorrer. De acordo com Cruz (2011, p. 26), a “menor frequência dos encontros presenciais”

contribuiu para atrair os alunos para esta modalidade de ensino e, “as tecnologias da informação aplicadas ao EaD proporcionam maior flexibilidade e acessibilidade à oferta educativa (SARAIVA, 2012, p. 27). Contudo, preconceitos ainda existem e precisam ser rompidos e/ou superados.

Conforme Cruz (2011), deve-se considerar que – mesmo com tanta disseminação do EaD no campo educacional ao longo dos anos – há uma discrepância nos dados quanto à disponibilidade do mercado profissional quando se refere aos egressos da modalidade EaD, pois esta pode não se enquadrar para muitos no padrão tradicional do conceito de Educação (CRUZ, 2011). Tal fato pode estar relacionado à transitividade de paradigmas educacionais que, em princípio, não trazem informações necessárias aos envolvidos frente às mudanças, principalmente no aspecto de adequação dos profissionais da educação, frutos de uma cultura escolar que englobam costumes e comodismos que impedem a escola de se enquadrar aos modelos externos atuais (PINHEIRO; SILVA; LUIZ; 2011).

A combinação do ensino presencial com Objetos de Aprendizagem e as Tecnologias de Informação e Comunicação que complementem o ensino fora dos horários de aula é uma realidade no cenário da educação nacional e há tempos mudanças socioculturais são percebidas, com revisão e quebra de paradigmas que vigoravam como forma correta de conhecimento (HYPOLITO, 2009).

A busca por diferentes modalidades de ensino aconteceu e tendem a cada vez mais repensar as combinações on-line e presencial. Para Heinze (2008), a efetivação do ensino por meio da combinação das interações on-line e presencial pode resultar na aprendizagem do aluno e caminha ao encontro das ideias de Moran (2002), que já defendia o equilíbrio entre o ensino presencial e virtual:

Estar juntos fisicamente é importante em determinados momentos fortes: conhecer-nos, criar elos, confiança, afeto. (...) realizar atividades que fazemos melhor no presencial: comunidades, criar grupos afins (por algum critério específico) (...). A comunicação virtual permite interações espaço-temporais mais livres, a adaptação a ritmos diferentes dos alunos, novos contatos com pessoas semelhantes, fisicamente distantes, maior liberdade de expressão a distância. (MORAN, 2008, p.58).

Logo, o *e-learning*, termo cunhado para se referir ao aprendizado que é facilitado por qualquer meio eletrônico (HEINZE, 2008), disparou a ideia do *Blended Learning* (BL): um modelo educacional intermediado entre o ensino presencial e o ensino a distância. Apesar de ainda não haver uma definição única e universal a respeito do BL, esta tem evoluído com o tempo, com o surgimento das tecnologias, com as necessidades atuais e com as compreensões dos pesquisadores (ROZA; VEIGA; ROZA, 2019).

Este paradigma de aprendizado pode resolver, de acordo com Cruz (2011), um dos grandes problemas da Educação a Distância: a falta de relação entre o formador e formado, a ausência do diálogo que pode não trazer a motivação diária que o ensino comum proporciona aos alunos. Entretanto, de acordo com Moran (2011), um fator preocupante dessa modalidade se concentra na desistência e no abandono dos cursos pelos alunos. Assim, “quanto mais interação e atenção ao aluno, menor será a desistência” (MORAN, 2011). Então, por meio dos encontros face a face, característicos

do *Blended Learning*, pode haver a facilidade da interação tanto entre os docentes e os alunos, tal qual a dos alunos entre si (HEINZE, 2008).

Como já mencionado, para além da interação presencial do *Blended Learning*, existe também a influência mútua virtual (*E-Learning*). Contudo, para tal, há a necessidade da existência de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que possa servir como uma ferramenta facilitadora e que possibilite a organização, o gerenciamento e as várias formas de interação no curso (PRADO, 2011). De outro modo, os “AVAs consistem em mídias que utilizam o ciberespaço para veicular conteúdos e permitir a interação entre os atores do processo educativo” (PEREIRA, SCHMITT, DIAS, 2011, p.4).

O *Blended Learning* agrega ao ensino o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tornando-se indispensável para a adaptação desses recursos em sala de aula. A proposta do BL passa justamente a usufruir esses recursos em prol da apropriação do saber e por meio de métodos de ensino combinados e diversificados:

A estratégia *b-learning* é muito mais do que uma multiplicação de canais, é uma de métodos de ensino-aprendizagem. No ensino tradicional, sempre se utilizou a combinação de múltiplas metodologias, como, por exemplo, a leitura, os laboratórios, tarefas de resolução de problemas, pesquisas experimentais, entre outras. Com a disseminação das tecnologias de informação e comunicação (TIC), emergiu um novo conceito identificado pelo *b-learning*, onde a aprendizagem é um processo contínuo, deixando de estar constringido a um só contexto, espaço ou a um dado momento. (MATEUS FILIPE; ORVALHO, 2012, p. 217).

Como o *b-learning* tenta focar a aprendizagem no aluno por meio de uma aprendizagem colaborativa, interações face a face e presencial, podem permitir ao aluno adequar as suas estratégias de aprendizagem mais facilmente, visto que o modelo do *Blended Learning* é composto por diversas metodologias (MATEUS FILIPE; ORVALHO, 2012).

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa em 2012 com os 21 professores de uma Escola Técnica Estadual, situada na cidade de Ourinhos, estado de São Paulo, Brasil, foi de natureza qualitativa e cunho interpretativo, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo utilizada a representação gráfica para facilitar as análises, por meio de uma planilha eletrônica. Para definir a quantidade de professores que responderiam o questionário, utilizou-se da orientação de Manzato e Santos (2012) de que a pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade precisa ser representativo no seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida. Logo, o questionário composto por 17 questões fechadas e duas questões abertas foi aplicado individualmente a todos os participantes, e os resultados foram tabulados e receberam uma representação gráfica.

O referido questionário foi aplicado no dia 03 de setembro de 2012, entre as 20h50 e 21h30, horário de intervalo dos docentes, na instituição. Para aplicação, utilizou-se da monitoria de três estudantes da Fatec Ourinhos, com prévias orientações quanto à imparcialidade no auxílio dos docentes participantes da pesquisa nas respostas do questionário. Os três aplicadores dividiram-se em dois grupos: um aluno se

responsabilizou pela aplicação do questionário na sala dos professores 1, e uma dupla de estudantes aplicou sincronicamente a pesquisa na sala dos professores 2, sob prévia autorização da coordenação da escola. Participaram professores, tanto do sexo masculino quanto do feminino, englobando formados das áreas de Exatas e de Biológicas. Todos os participantes ficaram cientes do sigilo do questionário a confrontar as duas épocas desta modalidade de ensino envolvidas nas análises, mantendo-se a natureza qualitativa e o cunho interpretativo dos dados.

5 O QUE SE PENSAVA SOBRE A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: uma pesquisa entra em cena

Para se chegar aos objetivos da pesquisa, foram utilizados questionários que analisaram o docente na posição de aluno egresso da modalidade a distância e envolveram aspectos que se referem à utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação. A partir dos dados coletados, foi feita uma análise descritiva de todos os itens, a fim de que se pudessem observar todas as variáveis envolvidas ao objetivo do questionário.

No Gráfico 1, é apresentado o resultado da pergunta: “Já fez alguma graduação a distância”. Dentre os participantes da pesquisa somente 4 docentes, ou seja, 19 % do total, haviam realizado alguma graduação por meio do ensino a distância, enquanto 81% não tinham realizado nenhum curso superior com tal característica.

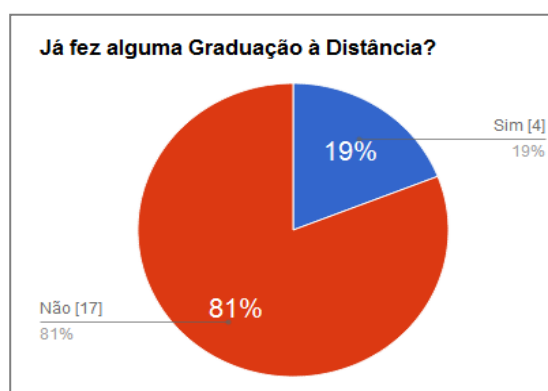


Gráfico 1: Graduação a distância.
Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

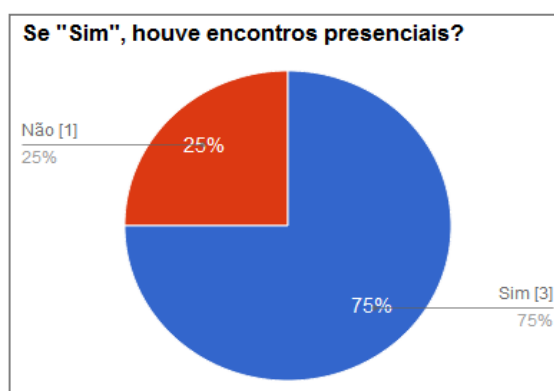


Gráfico 2: Graduação a distância e encontros presenciais
Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

No Gráfico 2, é apresentado o resultado da pergunta realizada aos entrevistados que haviam cursado graduação a distância para saber se houve encontros presenciais. Os quatro docentes que frequentaram um curso a distância, ou seja, 75% daqueles que tiveram encontros presenciais na graduação salientaram a tendência do ensino híbrido na época da pesquisa.

No Gráfico 3, é apresentado o resultado da pergunta realizada aos entrevistados sobre a necessidade de encontros presenciais na EaD.

Quanto à necessidade de encontros presenciais na graduação a distância, 76,2% dos docentes acreditavam ser necessário encontros presenciais na EaD, fomentando a ideia de hibridiz dos ambientes de aprendizagem.



Gráfico 3: Necessidade de encontros presenciais na EaD.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

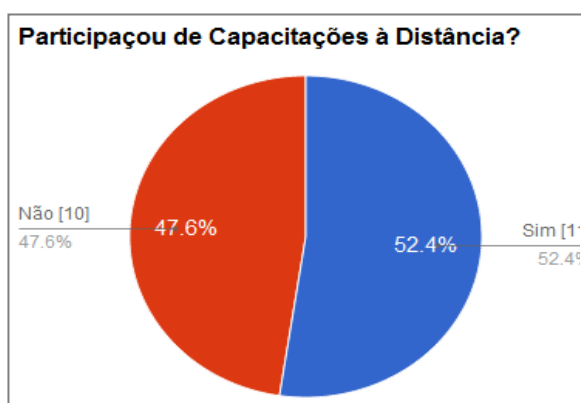


Gráfico 4: Participação em capacitações a distância.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Além da realização de cursos superiores a distância, os docentes responderam a respeito de capacitações de curto prazo na modalidade analisada. No Gráfico 4 é apresentado o resultado desta questão. Enquanto poucos docentes participaram de alguma graduação a distância (4 docentes, ou seja, 19% do total), nota-se um equilíbrio quanto a participação dos docentes em capacitações a distância, sendo que 52,4% dos docentes (11 pessoas) haviam participado de algum curso ministrado a distância.

Quanto à concepção do grupo amostral da pesquisa em relação à qualidade do ensino por meio da modalidade a distância foi atribuída uma nota de 0 a 10. No gráfico 5, é apresentado o resultado desta avaliação da EaD.

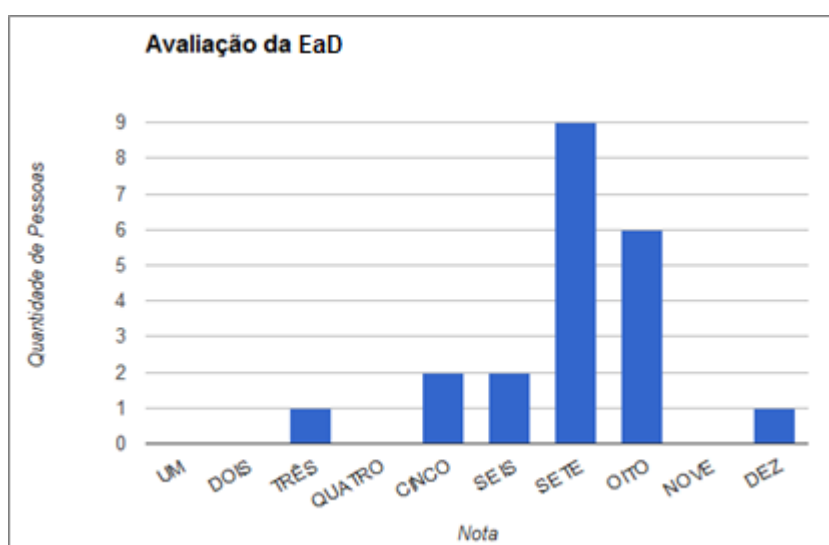


Gráfico 5: Avaliação da EaD.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Analisando o Gráfico 5, percebe-se que a maioria dos docentes (9 pessoas) atribuiu a nota 7 ao ensino a distância. Em segunda, tem-se 6 docentes atribuindo a nota 6, enquanto os demais atribuíram notas abaixo de 3.

Contudo, ao se retratar os benefícios da modalidade, houve um consenso por parte de todos, de que estes existem. No Gráfico 6 é apresentado o resultado em relação aos benefícios da EaD.

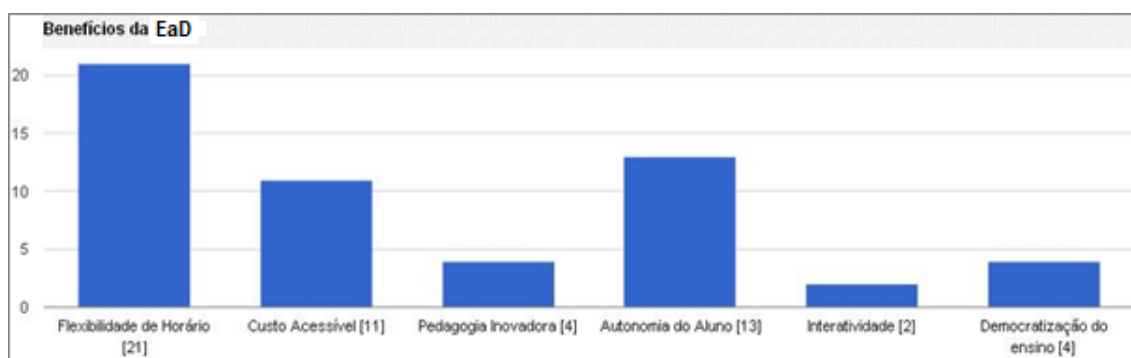


Gráfico 6: benefícios da EaD.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Observando a importância da EaD, 100% dos docentes avaliados apontaram a flexibilidade de horário como maior benefício da modalidade. Em seguida, aparece a autonomia do aluno e o custo acessível como fatores relevantes. Os aspectos que poucos docentes apontaram foram: metodologia inovadora, interatividade e a democratização do ensino e do saber.

Ao serem arguidos a respeito dos possíveis pontos negativos da Educação a Distância, os docentes deram as suas opiniões que está apresentada no Gráfico 7.

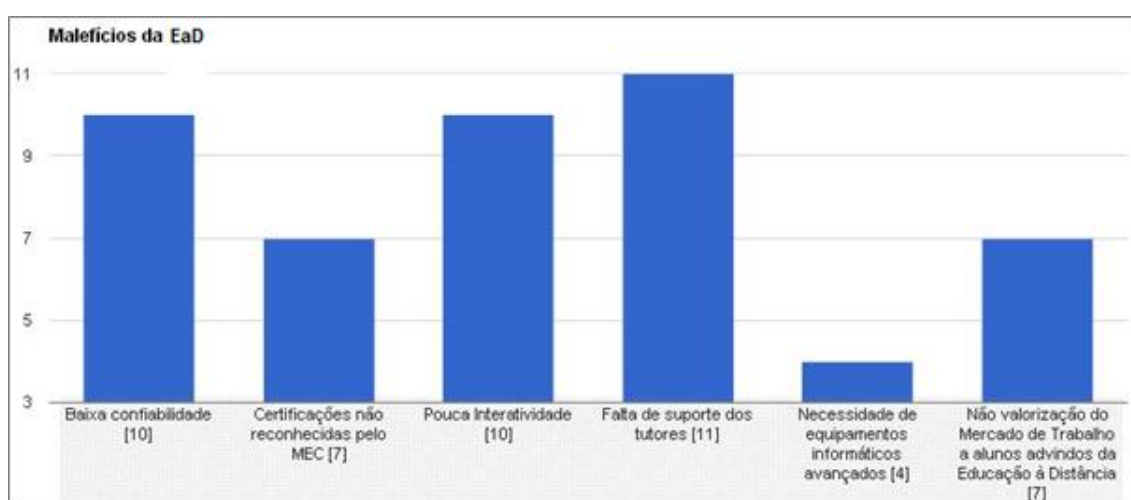


Gráfico 7: malefícios da EaD.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Para mais de 50% dos entrevistados, a falta de suporte dos tutores é o maior malefício da Educação a Distância. Em seguida, aparecem o destaque à baixa confiabilidade da modalidade e à pouca interatividade dos sujeitos envolvidos. Muitas certificações não reconhecidas pelo MEC, e a não valorização do mercado de trabalho

dos alunos advindos da EaD apareceram como fator de preocupação da modalidade. Por fim, a necessidade de equipamentos informatizados, também, foi mencionada neste aspecto analisado.

Um ponto interessante da pesquisa realizada, concentra-se no fato de que mesmo aqueles docentes que passaram por uma graduação a distância, mais de 90,5% (19 docentes) utilizam a *internet* como canal de comunicação com seus alunos: transcendem o espaço físico e a lousa, levando a educação ao espaço virtual, mesclando a educação tradicional com o *E-learning*. Mais de 50% dos docentes (11 pessoas), também, disseram que utiliza as redes sociais para se comunicar com seus alunos, do que se pode constatar que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação havia se tornado indispensável à realidade, mesmo para aqueles que não tiveram experiências com graduações ou capacitações à distância. Outro aspecto importante da pesquisa reflete o que se pensa atualmente sobre a Educação a Distância.

6 O QUE SE PENSA SOBRE A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: algumas considerações atuais

Com o passar dos anos, desde a realização da pesquisa em 2012 e das consultas aos trabalhos que debruçaram seus olhares na Educação a Distância, ainda é consenso que dentre as possibilidades educacionais que têm se destacado como uma inovação pedagógica, encontra-se o *Blended Learning* (BL), conhecido do Brasil como Ensino Híbrido (EH). O BL continua em defesa da convergência entre práticas pedagógicas voltadas à educação presencial e práticas pedagógicas relacionadas à Educação a Distância (EaD). Isso se dá, preferencialmente, de modo simultâneo e com o aporte das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) – termo mais recente em relação ao TIC – e de metodologias ativas que preconizam a inserção do aluno como sujeito principal e responsável pela sua aprendizagem, comprometendo-se com o seu aprendizado e com a aquisição de conhecimentos. Nesse sentido, a concepção de BL se mantém baseando na ideia de educação híbrida, que mescla múltiplas práticas, espaços, indivíduos, tecnologias e culturas de maneira a potencializar a construção do conhecimento (ROZA; VEIGA; ROZA, 2019).

Nesse sentido, (...) o BL é reconhecido como um modelo formal e inovador de educação que busca: potencializar a aprendizagem por meio da tecnologia; equilibrar a aprendizagem individual com a coletiva; integrar os espaços físicos com os virtuais; atribuir um papel mais interativo ao professor e mais autônomo aos estudantes; personalizar a aprendizagem (ao permitir que atenda ao ritmo e estilo de aprendizado dos estudantes); flexibilizar tempos e espaços, entre outros objetivos. (ROZA; VEIGA; ROZA, 2019. p 203).

Desta maneira, uma pesquisa realizada por Roza; Veiga e Roza (2019) evidenciou um número crescente de professores experimentando o BL, fruto de iniciativas individuais, no entendimento de que é essencial um olhar para os diversos modos de ensinar/aprender, harmonizando estratégias *on-line* e tradicionais, ampliando e aprofundando a integração das TDIC para corroborar com a prática, a experimentação, a colaboração, o desenvolvimento da autonomia e da proatividade.

Nos estudos realizados por Ribas, Rodrigues, Garcia e Santos (2017), encontram-se resultados que apontam para uma realidade em relação àquilo que se apurou na pesquisa inicial deste trabalho. Ao considerar o objetivo de analisar a visão da sociedade com relação ao profissional formado em cursos EaD, verificou-se em Ribas, Rodrigues,

Garcia e Santos (2017), que a sociedade se encontra receptiva em relação aos profissionais egressos de cursos dessa modalidade. A grande maioria dos empresários entrevistados (74%), demonstraram confiabilidade no ensino a distância, pois responderam que contratariam profissionais que possuíssem formação no ensino EaD, mostrando a mudança no comportamento da sociedade, que anteriormente via o ensino a distância como uma alternativa apenas para as pessoas que não tinham condições de frequentar cursos presenciais. Contudo, a falta de conhecimento sobre a qualidade do ensino dessa modalidade, bem como o preconceito e a falta de incentivo ainda se encontravam/encontram como os principais fatores de desistência para se embrenhar em um curso EaD. Em anos anteriores, a preocupação era a introdução das pessoas à modalidade de ensino e, atualmente, após a inserção da formação a distância, o foco tomou outra direção, sendo a qualidade o principal anseio dos alunos. Após tantos anos da homologação dessa modalidade, pôde-se perceber, por meio deste estudo, que a qualidade e a confiança estão sendo estabelecidos e conquistados pouco a pouco.

Outro fato que se nota ao longo dos anos é que a Educação a Distância vem crescendo em ritmo mais acelerado que o ensino presencial e quase da metade das pessoas que buscam uma graduação optam por tal modalidade. Em pesquisa divulgada pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), em 2018, e que representa grande parte do ensino superior particular do país, mostra que 44% dos entrevistados optaram pela modalidade a distância, enquanto 56% preferem o ensino presencial. “Nesse ritmo de crescimento, o Brasil terá mais alunos estudando a distância que nas salas de aula tradicionais, em 2023” (AGÊNCIA BRASIL, 2018). A pesquisa aponta ainda que, quando os ingressantes são informados que os cursos a distância podem ter etapas presenciais, a aceitação dos estudantes aumenta para 93%. Para os 7% restantes, ainda há um desconforto em ter a maior parte das aulas pela internet. Outro ponto destacado por esses alunos que não optariam pela EaD é a percepção de que o mercado de trabalho ainda não valoriza adequadamente a qualidade desses cursos (AGÊNCIA BRASIL, 2018).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário educacional e o mundo do trabalho, ao longo dos anos, vêm tentando mudar suas concepções a respeito das modalidades de ensino e caminham ao encontro da conciliação entre os métodos antigos de aprendizagem e as novas tecnologias e metodologias de ensino. Contudo, ainda há a necessidade da inclusão e da incorporação dos docentes às novas Tecnologias de Informação e Comunicação, apropriando-se de Objetos de Aprendizagem e de outras tecnologias e da aceitação de que o ensino a distância pode contribuir com a socialização do saber em nossa sociedade, trazendo consigo características diferentes e que colaboram com a formação acadêmica, como a linguagem, o modo de pensar, as metodologias a se trabalhar e o próprio ambiente de trabalho diferenciados, atrativos e significativos aos alunos.

Nota-se que os Ambientes Híbridos de Aprendizagem já são constantes nos ambientes escolares e são apropriados como um dos recursos metodológicos em evidência, incorporando e abrangendo desde os Ambientes Virtuais, os Objetos de Aprendizagem e outras formas de interação variadas.

No Brasil, o termo *Blended Learning* tem ganhado cada vez mais olhares de pesquisas e estudos que o defendem (ou não), criticam, mas que também valorizam a modalidade.

O resultado do confronto entre as duas épocas, 2012 e atual, tratando do cenário do Ensino à distância envolvendo professores de uma Escola Técnica evidencia que atingimos o nosso objetivo, pois nos possibilitou encontrar as preocupações, as dúvidas e a aceitação desta modalidade de ensino, além de que o foco atual é o *Blended Learning* que mistura o ensino presencial e o ensino virtual. Essa era uma necessidade apresentada pelos professores da época para o ensino a distância. O importante que ao ser confrontada com as tendências, dá-se indícios de que existe um movimento que caminha ao encontro da superação de preconceitos e de desconhecimentos a respeito do ensino EaD e de suas vertentes. Contudo, trata-se de uma mudança de mentalidade a longo prazo, pois sua evolução atende às necessidades da sociedade, onde podemos encontrar uma maior receptividade aos profissionais formados na modalidade EaD em função da sua capacidade proativa, da sua autonomia e da qualidade de sua formação.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Educação a distância cresce mais que presencial, mas não é a 1ª opção.** 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/ensino-a-distancia-no-brasil>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CRUZ, M. L. **Preconceitos em relação a Educação à Distância.** Trabalho de Titulação (monografia), apresentado à Faculdade de Tecnologia de Ourinhos - FATEC, 2011.

GOMES, L. F. EaD no Brasil: perspectivas e desafios. **Avaliação.** Campinas, v.18, n. 1, p. 13-22, 2013.

GONÇALVES, J. C. **Educação e conhecimento: o segundo nascimento do homem.** 2007. Disponível em: <http://aumagic.blogspot.com/2013/11/educacao-e-conhecimento-o-segundo.html>. Acesso em: 24 ago. 2019.

HEINZE, A. **Blended learning: an interpretive action research study.** 2008. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8d91/54fc67deb0267f885d7ef5149342bb3afb0d.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.

HYPÓLITO, D. Formação docente em tempos de mudança. 2009. **Integração.** Ano XIV. n. 56. jan./fev./mar. Disponível em: <https://www.usjt.br/prppg/revista/integracao/56.php>. Acesso em: 24 ago. 2019.

LIBÂNEO, J. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 2010. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MANZATO, J. A.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa.** 2012. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf. Acesso em: 24 ago. 2019.

MARQUES, C. **Ensino a distância começou com cartas a agricultores.** 2004. Folha Online. Publicado em 29/09/2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u396511.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2019.

- MATEUS F., A.J.; ORVALHO, J.G. **Blended-Learning e aprendizagem colaborativa no Ensino Superior**. 2004. Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/eventos/RIBIE/2004/comunicacao/com216-225.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2008.
- MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Avaliação do Ensino Superior a distância no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/avaliacao.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- OLIVEIRA, E. G. **Educação a distância na transição paradigmática**. Campinas: Papirus, 2003.
- PEREIRA, T. C.; SCHMITT, V.; DIAS, M. R. A. C. **Ambientes virtuais de aprendizagem**. 2011. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/2259532.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- PINHEIRO, E.; SILVA, A. L. C.; LUIZ, M. C. **Políticas públicas pós 1988: Uma leitura das políticas educacionais recentemente implementadas no Brasil**. São Carlos: Ufscar Virtual, 2011.
- PRADO, M. E. B. B. **Educação à distância: os ambientes virtuais e algumas possibilidades pedagógicas**. 2011. Disponível em: http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto21.pdf. Acesso em: 24 ago. 2019.
- RIBAS, J. L. C.; RODRIGUES, I. C. G.; GARCIA, I. F.; SANTOS, V. L. P. A visão da sociedade para os profissionais com formação EaD: a quebra de um paradigma. **Revista on-line de política e gestão educacional**, Araraquara, v.21, n.esp.3, p. 1598-1610, dez., 2017. ISSN: 1519-9029.
- ROZA, J. C.; VEIGA, A. M. R.; ROZA, M. P. **Educação temática digital**, Campinas. v. 21. n. 1, p.202-221, 2019.
- SARAIVA, T. **Educação a distância no Brasil: lições de história**. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2076/2045>. Acesso em: 24 ago. 2019.